



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CCE - CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

Jéssica Tiago Martins

“Dor de Garganta”: projeto de animação de doc-ficção como deriva criativa de reflexões sobre literatura, linguagem e ancestralidade

Florianópolis - SC

2022



Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação de Expressão
Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

ATA DA SESSÃO DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ata da sessão de defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do(a) estudante Jéssica Tiago Martins, realizada no dia 29 de novembro de 2022, às 20h30, na Sala Machado de Assis do bloco B do CCE.

1 Aos vinte e nove de novembro de dois mil e vinte e dois, às vinte horas e trinta minutos, na
2 Sala Machado de Assis do bloco B do CCE, reuniram-se a Banca Examinadora, designada pela
3 Portaria n.º 32/2022/CGLLP/CCE, de 25 de novembro de 2022, constituída pelos(as)
4 membros: Telma Scherer, orientador(a) e presidente da sessão, Jennifer Jane Serra, membro
5 titular, Aglair Maria Bernardo, membro titular, e Cristine Görski Severo, suplente; e o(a)
6 acadêmico(a) Jéssica Tiago Martins, regularmente matriculado(a) nesta instituição, sob o
7 número 17205345, no curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de
8 Língua Portuguesa, para a realização da defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso
9 (TCC) intitulado ““Dor de Garganta”: projeto de animação de doc-ficção como deriva criativa
10 de reflexões sobre literatura, linguagem e ancestralidade”. Aberta a sessão, coube ao(à)
11 acadêmico(a) apresentar seu trabalho e, em seguida procedeu-se à arguição e à avaliação,
12 feitas nos termos do regulamento do TCC do curso. Concluída essa etapa, a Banca
13 Examinadora deliberou e decidiu pela aprovação do trabalho do(a) acadêmico(a), conferindo-
14 lhe nota final 10,0 (dez). O(a) acadêmico(a) foi notificado(a) que deverá realizar a submissão
15 da versão final do TCC, com as modificações sugeridas pela banca, no Repositório
16 Institucional da UFSC, conforme a Resolução Normativa n.º 126/2019/CUn, de 28 de maio de
17 2019, e as orientações do manual de submissão da Biblioteca Universitária, em até 30
18 (trinta) dias após a defesa. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada, sendo
19 lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da banca examinadora e pelo(a)
20 acadêmico(a). Florianópolis, 29 de novembro de 2022.



Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação de Expressão

Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa



Documento assinado digitalmente

TELMA SCHERER

Data: 16/12/2022 14:03:07-0300

CPF: ***.635.620-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



Documento assinado digitalmente

JENNIFER JANE SERRA

Data: 28/12/2022 13:21:43-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Telma Scherer
Presidente e orientador(a)

Jennifer Jane Serra
Membro titular



Documento assinado digitalmente

Aglair Maria Bernardo

Data: 16/12/2022 15:57:49-0300

CPF: ***.758.409-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Aglair Maria Bernardo
Membro titular

Cristine Görski Severo
Suplente



Documento assinado digitalmente

Jessica Tiago Martins

Data: 27/12/2022 00:39:08-0300

CPF: ***.560.648-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Jéssica Tiago Martins
Acadêmico(a)

“Dor de Garganta”: projeto de animação de doc-ficção como deriva criativa de reflexões sobre literatura, linguagem e ancestralidade

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas do Centro CCE - Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador(a): Prof.(a) Telma Scherer

Florianópolis - SC

2022

Martins, Jéssica

"Dor de Garganta" : projeto de animação de doc-ficção como deriva criativa de reflexões sobre literatura, linguagem e ancestralidade / Jéssica Martins ; orientadora, Telma Scherer, 2022.

24 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua Portuguesa, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Portuguesa. 2. oralidade. 3. ancestralidade. 4. teoria da imagem. 5. experimental. I. Scherer, Telma . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - Língua Portuguesa. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu parceiro e o amor da minha vida, Luan. A minha leal rede de apoio, às mulheres que me criaram e me criam até hoje e às professoras que me deram a mão para chegar até aqui.

Resumo: o presente projeto de animação *Dor de Garganta*, visa integrar literatura, cinema e animação para explorar subjetividades femininas negras, memória e ancestralidade. Fundamenta-se nos conceitos de *escrevivência* de Conceição Evaristo e *inseparabilidade* de Djaimilia de Almeida, articulando oralidade, literatura e representação poética. A animação combina elementos documentais e ficcionais, utilizando simbolismo, metáforas visuais, colagens e fotografias analógicas, inspirando-se em autores e animadores como Paul Driessen, Hideaki Anno, Camila Kater e Eustáquio Neves. O projeto propõe uma narrativa híbrida em que realidade e imaginação se entrelaçam, dando voz às experiências de mulheres negras por meio de imagens, sons e movimentos.

Palavras-chave: oralidade, ancestralidade, teoria da imagem, experimental

Abstract: The present animation project *Sore Throat* aims to integrate literature, cinema, and animation to explore the subjectivities of Black women, memory, and ancestry. It is based on the concepts of *escrevivência* by Conceição Evaristo and *inseparability* by Djaimilia de Almeida, articulating orality, literature, and poetic representation. The animation combines documentary and fictional elements, employing symbolism, visual metaphors, collages, and analog photography, drawing inspiration from authors and animators such as Paul Driessen, Hideaki Anno, Camila Kater, and Eustáquio Neves. The project proposes a hybrid narrative in which reality and imagination intertwine, giving voice to the experiences of Black women through images, sounds, and movement.

Keywords: orality, ancestry, visual studies, experimental

Sumário

Sumário	7
Introdução	1
Início da Deriva	3
1. O Projeto	5
1.1 Desenvolvimento do Roteiro	5
1.2 Escolhas Visuais e Referências	7
2. Reflexões:	9
3. Roteiro	9
4. Conclusões	18
Referências Bibliográficas:	19

Introdução

Quando a escritora brasileira Conceição Evaristo fala sobre escrevivência é possível pensar em ancestralidade também. É possível pensar além da escrita também. Se a escrevivência seria a manifestação subjetiva de um eu coletivo, do autor negro que escreve e deixa escapar suas experiências na escrita, o mesmo ocorreria em outras expressões artísticas). Um termo mais abrangente seria o termo cunhado por Djaimilia de Almeida, “inseparabilidade”. Ela diz:

[...] Aquilo a que chamamos a “vida” de qualquer “pessoa” não é capturado, pois, à escala histórico-natural dos processos biológicos, físicos, químicos, materiais, de um corpo humano vivo, mas à escala daquilo de que uma pessoa é inseparável. Isto fornece-nos, aliás, um outro critério de individuação, que nos permite entender uma pessoa. É, no entanto, um critério de individuação esquisito, por nos levar a reconhecer que aquilo que somos se confunde com outras coisas (ALMEIDA, 2012, p.34)

Nesta linha de pensamento, proponho um trabalho a partir das reflexões sobre estes conceitos que pensam em raça, também, para pensar nas relações entre cinema x linguagem e suas subjetividades. Como o cinema corrobora em ajudar a replicar e expandir essas visões e como corroborou para a criação deste projeto visual?

A partir destas reflexões, criei como TCC um curta de animação experimental, no qual faço um hibridismo entre documentário/confessional e ficção. Realidade e imaginação se misturam dando voz a metáforas e criando sentidos poéticos. Destas confissões, além de alguns textos autorais, há também áudios de minha mãe e avó contando sobre seus passados e pensamentos e sobre minha bisavó. Foi criado um roteiro para estes relatos e, após isto, foram coletados os áudios em uma conversa por telefone. A partir daí, criei a narrativa visual através de imagens que tornam a animação palpável e serão analisadas adiante.

Também explorei como a animação possibilita a criação de sentidos. Através do recurso do simbolismo e da metáfora, diversas referências do cinema de animação foram

visitadas com o intuito de replicar estes sentidos, como as animações de Paul Driessen, Ernest Pintoff, Robert Cannon, Chuck Jones, Maurice Noble e Camila Kater.

Sendo um trabalho que também trabalha a visualidade a partir da animação, é preciso pensar nas intersecções entre a linguagem e a animação, de fato. E para se falar sobre animação é preciso falar sobre cinema. Proponho olhar para o projeto como uma expressão poética. A teóloga e crítica de cinema Irene Machado argumenta, por exemplo, que o cinema estaria mais próximo da poesia do que da prosa.

Isto porque a partir dos estudos iniciais do cinema, estudiosos constataram que a literatura e o cinema convergiam de formas em que era possível aplicá-las uma à outra. A partir dos estudos de teoria literária, houve uma abertura para estudar o cinema com a mesma metodologia.

Essa ideia foi embasada por Eisenstein, que pensava que ao tomar o cinema como expressão artística, também se valorizava sua forma de linguagem. Esse foi um ponto de importância para os formalistas, que viam a montagem como peça elementar para a construção do filme. A fotografia sem a montagem, para os formalistas, não construía o que eles chamavam de “linguagem”.

Ao afirmar que há uma linguagem no audiovisual, uma construção e um sentido, ela se torna aplicável às mesmas regras da literatura e da instância poética. Essa poética, de acordo com MACHADO (1973):

“Chega ao mecanismo a partir do qual se estrutura o código cinematográfico, associando o discurso do cinema com o discurso descritivo da arte literária. Enquanto a descrição literária tem por objeto as palavras, prescindindo, portanto, das coisas que representa, a descrição no cinema cumpre seu papel real ao exibir a coisa visível.” (p.146)

Para Chklovski, por conta da montagem, o princípio básico em que se unia cinema e literatura se dava “pois as imagens se alternavam tal como o verso caminha de uma linha para outra.” Por conta disso, estaria muito mais próxima da poesia e não da prosa. A intenção deste cinema de vanguarda era, além de incitar a quem assiste, derivar um discurso interior que só seria revelado ao visível pelo não dizível das palavras: pela imagem. Assim, o espectador cria um discurso interior e um sentido para o texto ali mostrado.

Ressalto ainda respeito o que MACHADO (1973) diz:

“É toda uma construção dualista que se impõe enquanto princípio organizador do filme. Existem sempre dois planos em confronto. O real e o sonho; o personagem superior e o personagem insignificante; o argumento cinematográfico se contrapõe ao texto literário original; e o filme em si se choca com o cinema tradicional de adaptação.” (p. 172)

A partir destas breves reflexões, a mistura entre real x surreal através do live action e da animação se faz relevante em meu projeto. Após esta linha introdutória sobre as correlações entre cinema, animação e poesia, também penso um pouco sobre a questão em como a realidade é retratada em animações.

A animação, no princípio, estava mais preocupada, assim como o cinema, em retratar a realidade. Se olharmos estas animações primárias, como *Sinking of Lusitania* de Winsor McCay, conhecido como um dos pioneiros da animação, veremos que é apenas uma representação da realidade, sem intuito nenhum de “ensinar” crianças ou “protegê-las de algo”.

A animação, então, evolui; sua forma de contar histórias também. Não só isso, mas fenômenos culturais, com uma sucessão de eventos ocorridos entre as décadas de 50 à 90, desde a chegada da TV à Internet.

Esta noção de realidade é discutida por Griffin em seu livro “*Pronoun Trouble: the queerness of animation*”, no qual o autor diz “que a animação sempre foi convencionalmente usada para criar narrativas cômicas usando técnicas de metamorfose ou realizando uma paródia das normas convencionais da sociedade” (p. 107).

Embora o autor esteja falando sobre os retratos da cultura queer em animações, ainda cabe justamente no embate, (ou intersecção), real x surreal/ficção x documentário que procuro traçar em meu projeto.

Início da Deriva

Conceber uma animação sempre foi uma vontade minha. Por vezes, muito mais pela possibilidade criativa de mesclar todos os estudos teóricos da linguagem e da literatura com outras artes. A área da literatura comparada, mas principalmente da comunicação como uma possibilidade de se expandir a visualidade e, acima de tudo, a arte, sempre me chamou muito a atenção. Desta forma, sempre me aprofundei nos estudos de cinema e de literatura; mas, sempre fazendo essa intersecção.

Comecei lendo autoras de África e latino americanas no geral como: Maryse Condé, escritora guadalupense e Scholastique Mukasonga, escritora ruandesa, ambas de língua francófonas. Também Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana de língua inglesa. De países africanos de língua portuguesa li Mia Couto, Agostinho Neto, Ondjaki, José Craveirinha, Noémia de Sousa e por fim, autores mais contemporâneos, Djaimilia de Almeida e Paulina Chiziane. Na literatura brasileira li Maria Carolina de Jesus, Itamar Vieira Junior, Jarid Arraes, Maria Firmina dos Reis, Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo. Por fim, decidi realizar um recorte de todas essas leituras de diversas obras e escolher escritoras que estavam dentro do escopo que gostaria de tratar, sendo assim, Djaimilia de Almeida, Conceição Evaristo e Paulina Chiziane foram selecionadas bem como uma obra de cada autora, (Esse Cabelo, Becos de Memória e Niketche, respectivamente). O motivo dessa escolha se deve a intenção de abordar a relação entre África e Diáspora (no caso, com foco no Brasil), na linguagem, poética e ao tratar de temas como oralidade, ancestralidade e memória.

Apesar do ambiente limitador e não tão incentivador quanto a derivas artísticas que o curso de Letras - Português oferece, sempre fui artista por conta própria. O curso oferece inúmeras ferramentas de estudo e aprofundamento no que diz respeito às artes, mas sem espaço para aplicá-las e, novamente, pela necessidade de fazer arte, esse também foi um fator determinante para a criação deste projeto que está dentro do campo da escrita criativa. Dentro deste campo pude encontrar mais espaço para criar e realizar derivas criativas e o apoio da Profª e também artista visual, Telma Scherer, nas matérias Estudos Literários: Literatura, Política-Ideologia, Estudos Literários: Literaturas de Expressão Portuguesa e outras Linguagens e Literatura Portuguesa III. Nas três matérias realizei derivas criativas em que realizava a intersecção entre imagem e palavra envolvendo fotografia experimental e colagens baseadas em obras literárias e até mesmo um curta metragem também experimental partindo de uma prosa poética escrita por mim com base nos autores estudados em aula.

Além disto, entre 2021 e 2022, fui bolsista de iniciação científica dentro da área da sociolinguística e etnografia orientada pela Profª Cristine Gorski entre setembro de 2021 e setembro de 2022. O tema da minha pesquisa foi principalmente ancestralidade, oralidade e literatura. Esta pesquisa me possibilitou aprofundar nas diversas escritoras que citei anteriormente mas principalmente: Djaimilia de Almeida, Conceição Evarista e Paulina Chiziane e em suas noções a respeito da produção literária quando se é uma pessoa racializada, além de me aprofundar em questões de raça e memória e todas as questões citadas no parágrafos anteriores.

Sendo, então, uma mulher negra, artista e pesquisadora e unindo todos estes temas e assuntos, veio a decisão de uma ideia da qual já tinha feito morada em mim há muito tempo. Sendo a primeira a entrar em uma faculdade federal em minha família, (uma família bastante matriarcal, na qual cresci cercada de mulheres), veio a necessidade de retribuir a estas mesmas mulheres e colocá-las representadas em meu trabalho do qual elas tanto apoiaram. Lhes devolver a subjetividade e sensibilidade que foram roubadas tão cedo delas.

1. O Projeto

1.1 Desenvolvimento do Roteiro

A literatura de cunho confessional sempre me chamou a atenção. Escritoras como Sylvia Plath, Anne Sexton, Clarice Lispector, Ana Cristina Cesar e até um pouco do confessionalismo dentro da literatura de Djaimilia de Almeida inspiraram e foram uma das inspirações para a temática. A ideia da confissão como método possibilitador de poesia. Deste ponto de partida, pensei em como criar um roteiro, uma linha narrativa que abarcasse a confissão, que por vezes se assemelha ao documental, com a ficção.

Como já dito antes, queria que o ciclo geracional envolvendo eu e minhas avós e mãe fosse o centro. Dessa forma, a ideia era que elas contassem histórias sobre a vida delas e eu trabalhasse em cima desses relatos e confissões. Mas, sabendo como poderia ser complicado para que elas se abrissem e que talvez guiá-las fosse mais produtivo; criei uma narradora que sou eu. A narração trata de várias prosas poéticas e confessionais sobre luto, memória e questionamentos sobre si.

Após isso, criei histórias baseadas nas personalidades de minhas três ancestrais e lembrando das histórias que elas me contaram. Desta forma, pude inserir exatamente onde a fala delas entraria por motivos narrativos e até para a produção. Os três atos presentes em um

roteiro são substituídos por três capítulos referentes a cada uma das personas das minhas ancestrais, tornando a estrutura do roteiro a seguinte: Introdução com narração, capítulo um com áudio documental seguido de história ficcional, capítulo dois com áudio documental seguido de história ficcional, capítulo três com áudio documental seguido de história ficcional, e encerramento com narração.

A ideia foi a de que a narrativa não tinha uma linearidade, apenas um padrão; por isso, as histórias ficcionais não são as mesmas da pessoa que fala no áudio documental. Como exemplo, no capítulo I, quem fala é Samara (Mãe), mas a história ficcional que se segue é para Cida (Avó). Pensei em manter uma não linearidade entre relato e história para que a narrativa ficasse mais subjetiva. Além disso, no capítulo dois, para substituir a ausência do áudio documental de Vita (Bisavó), foi colocado tanto um texto da narradora falando sobre ela quanto alguns áudios que as outras ancestrais disseram em seus respectivos áudios a respeito da personalidade de Bisa. Neste capítulo também foi trabalhada a ideia de memória e personalização da figura materna, justamente por conta desta ausência, e a história ficcional de Vita é carregada de metáforas e visa subverter o que Vita foi em vida: uma mulher contida, conservadora e estrita.

Na introdução, a imagem criada é a de pés na areia da praia em uma caminhada. A narradora limpa a garganta e começa a falar. No áudio que se segue, as imagens trabalhadas antes da história ficcional trazem uma animação experimental híbrida entre pintura digital e fotos analógicas e antigas de família. Nos três casos em que há a narração documental, um curta experimental ocorre, enquanto para as histórias ficcionais há uma narrativa mais concreta. O propósito desta característica experimental seria a ideia de trabalhar com imagens que deem essa ideia de memória e lembrança por serem fotos antigas. As fotos analógicas foram feitas em uma última viagem para visitar minha família no interior de São Paulo. Trabalhar com elas vem de inspiração do artista visual Eustáquio Neves, que também trabalha com os temas de memória e ancestralidade em suas fotografias e projetos visuais.

Nestas histórias ficcionais, a ideia foi trabalhar com planos longos e contemplativos, que remetam quase a ideias de reflexão. As cenas acabam por ser um tanto estáticas também. As cenas são conduzidas pelos diálogos, também por vezes contemplativos, confessionais e naturais. Para esses diálogos, as inspirações partiram de filmes dentro do subgênero mumblecore (“‘Mumblecore’ é um sub-gênero de cinema alternativo caracterizado pela atuação naturalística, diálogos em sua maioria improvisados, produção de baixíssimo custo, ênfase no diálogo em vez da trama e na maior parte das vezes focado nas relações pessoais),

no qual há longos monólogos e diálogos como centro da cena. Animações como esta que serviram de referência e inspiração seria Bojack Horseman.

1.2 Escolhas Visuais e Referências

Os principais autores que influenciaram o meu projeto foram Hayao Miyazaki, Hideaki Anno, Victoria Vincent, Erik Winkowski, Nadia Mangolini, Hong Sang Soo, Issa Rae, Pavit Panag, Gabriel Martins, Lucas Rodrigues, Eustáquio Neves.

Hayao Miyazaki trabalha temas como antiimperialismo, decolonialidade, ancestralidade e a ideia de comunidade em seus filmes e personagens, em sua maioria femininos, com bastante profundidade. Seus filmes “Castelo Animado”, “A Viagem de Chihiro”, “Porco Rosso”, “Sussurros do Coração”, “Vidas ao Vento” e “O Serviço de Entregas da Kiki” foram as obras principais usadas de referência. Estes filmes me inspiraram pois suas premissas que aparentam ser simples carregam uma carga poética na construção de suas narrativas de teor profundo, além de alguns cenários servirem de inspiração para a criação dos cenários da Cena 3 e os planos mais contemplativos também.

Hideaki Anno é diretor da série de animação Evangelion e também diretor de vários filmes live action. O que me inspirou foi como o autor decidiu tratar e construir o perfil psicológico dos personagens. Usando a premissa de uma história simples de ação, a animação Evangelion vai para além disto e constantemente, no decorrer da narrativa, nos deparamos com diálogos também contemplativos, perfis psicológicos e traumas geracionais dos personagens. No último episódio da série inclusive o autor cria uma animação experimental que mistura fotos, vídeos, rascunhos e quebra o padrão das animações do gênero e o resultado é um final profundo e abstrato.

Victoria Vincent (também conhecida como “vewn”) e Pavit Panag são animadoras americanas, sendo Vincent afro-americana. Suas animações usam do que seria considerado linhas simples e “tortas” propositais e flutuam entre o abstrato e concreto. Vincent faz uso de cores fortes para compor os cenários e a direção de arte de suas animações. Pavit Panag é estudante de animação do California Institute of the Arts e cria peças visuais divulgadas em suas redes sociais pessoais e produziu dois curtas de animação. Cito principalmente a obra UMBILICAL de Panag que trata sobre ancestralidade e de Victoria Vincent toda a sua

filmografia que é tanto contemplativa quanto surreal usando e abusando de traços bruscos e da simplicidade para animar.

Nadia Mangolini é diretora do curta-metragem de animação documental “Torre”. A forma como as imagens são bastante experimentais e trabalham com cores, formas e traços mais soltos para compor os áudios e depoimentos de três irmãos que contam sobre o pai que foi preso e “desapareceu” na ditadura me ajudaram a compor a direção de arte do projeto.

Erik Winkowski e Eustáquio Neves são dois artistas que trabalham com a colagem e mistura de fotos, linhas e formas. No caso, Winkowski é animador e em suas animações experimentais e abstratas desenvolve formas, letras, pontos e linhas e até mesmo a mescla com fotos e vídeos enquanto Eustáquio é um fotógrafo e artista visual negro que trabalha com fotografia analógica experimental com foco em raça, memória e ancestralidade.

Hong Sang-Soo é um diretor de cinema e têm grande influência na cena do cinema leste asiático, principalmente o experimental. Em seus filmes, o diretor trabalha bastante os diálogos e lida com planos longos e o improviso. Através da poética, temos prosas e reflexões que se aprofundam na subjetividade e trata de assuntos bastante intimistas e por vezes introspectivos, sempre focado nas relações humanas. Nesse sentido ele me influenciou neste projeto.

Issa Rae é uma cineasta afro-americana que criou a série Insecure onde trata, de forma humorada, sobre temas e assuntos da vivência e rotina da mulher negra moderna. A série trata de forma profunda sobre as subjetividades de cada personagem, além do desenvolvimento dos personagens serem complexos e envolverem as questões de raça de uma forma bastante intimista.

Gabriel Martins é um cineasta afro-brasileiro e diretor do filme “Marte Um”, (o qual foi a obra que tem bastante inspiração e referência em meu projeto), que em 2022 está representando o Brasil na premiação americana do Oscar. Seus filmes e principalmente “Marte Um” trata de assuntos familiares e questões geracionais, além de trazer sensibilidade a personagens tão individuais e subjetivos que têm de lidar com outros problemas coletivos de ser uma pessoa negra no Brasil contemporâneo.

O artista Lucas Rodrigues, que inclusive ajudou a compor e desenvolveu alguns dos cenários desta animação, é ilustrador e cronista afro-brasileiro e catarinense. Cria ilustrações em sua maioria com protagonismo negro e narrativas bastante subjetivas, intimistas, sensíveis e poéticas. Além de colega de trabalho, é um amigo muito próximo e por isso fez sentido chamá-lo para ajudar a compor o projeto e dar tom ao conceito da cena em que fez os cenários.

2. Reflexões:

Todas estas reflexões me ajudaram a aplicar minha “escrivivência”, minha “inseparabilidade” e as de minha mãe e avó também, dando voz às nossas não vivências, nossas sensibilidades como mulheres negras que vivemos sempre à margem emocional das relações humanas. Além da possibilidade de criação de um sonho que atravessa as gerações desta família de ser mais que apenas uma “negrinha”, mais que uma empregada doméstica. A possibilidade de sonhar e novamente ir contra as estatísticas e ser uma mulher artista e uma mulher negra artista e sensível.

3. Roteiro

DOR DE GARGANTA

Jéssica T. Martins

1. EXT. - DEBAIXO DE UMA ÁRVORE NA PRAIA - DIA

Dois pés parados enquanto a sombra das folhas da árvore refletem neles.

JES V.O.

Eu não sei exatamente por onde começar, não sei, não sei, não sei. Por qual de vocês começar, se eu começo se eu termino sei lá, ta tudo muito confuso e barulhento, não sei, mãe, não sei. Por onde você acha que eu deveria começar... mãe?

CUT TO BLACK

Letreiro aparece sobre BLACK: I. AMORES E CICLOS

CUT TO

2. EXT.. - QUINTAL DA AVÓ CIDA - DIA

Três pessoas estão sendo trançadas com quadros a sua frente. Nos quadros, há fotos analógicas enquadradas com linhas e manchas consumindo-as e sumindo. As fotos se alternam durante os anos e as pessoas vestem roupas da década de 70/80 e 90.

MÃE

[Falar com ela sobre infância e sobre as vontades dela.
Perguntar sobre uma história que ela gosta e suas percepções sobre a vida]

3. EXT - BEIRA DA PRAIA - FIM DE TARDE

Quatro amigos, todos entre 20 e 27 anos, passeiam pela areia da praia. Há distância está o mar e alguns barcos balançando na água com algumas montanhas e casas no fundo. Uma pessoa deste grupo é Maria Aparecida, 25, negra.

LUCAS

Esses dias eu tava muito me perguntando "o que é gostar de alguém?", "como você sabe?"

(todos interrompendo)

MARIA APARECIDA

Isso é uma pergunta muito você.

LUCAS

Muito, né, me pega demais Cida.

RAFA

Não tenho uma resposta pras outras pessoas, mas, pra mim, tudo que eu sinto por ela... E entender o significado dos filmes que a gente assiste.

4. EXT - BEIRA DA PRAIA - FIM DE TARDE

Depois os quatro amigos estão parados em uma ponte por cima do mar.

LUCAS

Eu acho difícil saber porque as minhas relações são muito diluídas...

LAURA

Entendo. Tipo, tem pessoas que você tem carinho mas o que significa gostar afinal?

RAFA

Só sentir o sentir o sentimento e arriscar. É abstrato.

LUCAS

Exato, é muito abstrato.

5. EXT - TRILHA PARA UMA PISCINA NATURAL - FIM DE TARDE

Os mesmos quatro amigos estão descendo uma colina e no fundo ainda há mar e algumas montanhas. Maria Aparecida se abaixa. Ela olha para um arbusto de flores onde algumas abelhas trabalham e voam de uma flor para outra. Seus amigos conversam no fundo paralelamente.

6. EXT - TRILHA PARA UMA PISCINA NATURAL - FIM DE TARDE

Os amigos continuam descendo a colina que agora já está no fim e onde já conseguem ver a piscina natural. Maria Aparecida está atrás dos três.

MARIA APARECIDA

Eu também nunca sei, mas também não me incomoda não saber.

LUCAS

Eu gosto de saber das coisas.

MARIA APARECIDA

Você gosta mesmo.

LAURA

Eu também gosto, quando eu sei me dá um espanto.

MARIA APARECIDA

Eu meio que só aceito a abstração, aí uma vez ou outra eu fico "ah okay, então é assim". Quando você me pergunta se eu tô bem, eu não sei.

Todos murmuram.

MARIA APARECIDA

Acho que no final meus sentimentos negativos são mais bem definidos do que os sentimentos legais. E isso também não me parece um problema.

7. EXT - BEIRA DA PISCINA NATURAL - FIM DE TARDE

Na piscina natural as ondas vão e voltam e o mar bate em algumas pedras. Há alguns peixinhos nadando pra lá e pra cá e alguns caranguejos. Os 4 amigos estão espalhados pela piscina natural. Algumas tomam sol, outros estão nadando e Maria Aparecida está sentada na beira da piscina.

Os amigos estão sempre de costas; mas, agora, vemos uma delas de frente. Cida. A água do mar reflete nela. Ela sorri.

CUT TO BLACK

Letreiro aparece sobre BLACK: II. LEMBRANÇA E SOLIDÃO

8. EXT. - CASA ANTIGA DA CIDA - SEM HORÁRIO

Fotos analógicas de rosto estão sendo costuradas e desenhadas em técnica mista de fotografia e desenho digital. As fotos se repetem entre o rosto de Vita (bisavó), Tuti (tio paterno) e fotos de demais parentes.

JES V.O.

Acho que eu devia dizer sem dizer, mas eu não sei como explicar o luto. Vocês saberiam explicar isso melhor pra mim... Se bem que tem tantas coisas que vocês não conseguiram me explicar. A memória é uma coisa doida, né. Eu queria poder saber o que a minha bisa diria, mas todos os dias a imagem dela fica mais... Nublada? E quando eu tento lembrar de algo antes de ela se tornar minha bisa é sempre uma incógnita. Da bisa eu conheço menos como pessoa do que todas as outras e isso me frustra de tal maneira. O toque é sempre mais forte, o cheiro e certas coisas que montam a imagem dela na minha cabeça. Acho que pra vocês é mais forte. Com quantos pedaços de memória eu formo uma pessoa? Porque não são todos os pedaços que são a pessoa de fato. Mas eu já disse demais. Ficou muito explicativo essa parte tu não acha?

9. EXT. - RIO TAVARES - NOITE

Samara, 20, está com o rosto encostado na janela do carro. As luzes da rua refletem nela conforme o carro está em movimento. Ela olha vez ou outra para a pessoa que dirige do seu lado enquanto eles conversam.

SAMARA

Então, eu só fui me dar conta quando eu escrevi. Que eu evitei tanto, ou fui evitada né, esse tipo de relação, essas experiências que eu precisei inventar. Como duas pessoas conversam, como é o carinho, como é o afeto?

PESSOA

Mas essa não é a moral de escrever? Inventar?

SAMARA

Ah sim né, mas é mais difícil escrever sobre o que você não sabe nada sobre e meio decadente de algo que você fracassa.

PESSOA

Você acha que tá fracassando agora?

10. EXT. - FINAL DO BAIRRO RIO TAVARES - NOITE

Com o carro ainda em movimento, Samara olha as luzes pelo retrovisor do carro.

PESSOA

Qual curso você pode escrever?

SAMARA

Jornalismo já foi uma boa.

PESSOA

Eu queria jornalismo também. Mas sempre pensei mais em cinema mesmo.

SAMARA

Combina com você mesmo.

11. EXT. - CAMPECHE - NOITE

Samara e a pessoa caminham em uma rua asfaltada com pedras e várias árvores na calçada. Está de noite e tudo tem um tom azulado, tudo está mais claro onde há postes de luz.

SAMARA

Eu vou sentir falta do mar.

PESSOA

Aqui às vezes parece que não tem mar. E lá tem mar também.

SAMARA

Mas eu vou sentir falta do mar daqui.

PESSOA

Eu também... Ah, tu vai querer levar o sofá pra colocar lá também? Aquele que tem na sala da minha mãe.

SAMARA

Não combina com a nossa parede, eu acho.

LUAN

Mas a gente não tem dinheiro pra comprar um novo.

SAMARA

Pois é...

LUAN

Queria ter trago a câmara.

SAMARA

É bonito a noite aqui, né.

LUAN

Sua mão tá gelada.

SAMARA

Porque tá frio.

Barulho de sopro e alguns risos.

LUAN

Que bom que vamos juntos pra lá.

SAMARA

Pelo menos agora vou conseguir escrever. Com você eu consigo.

11. EXT. - PRAIA DO CAMPECHE - NOITE

Na praia está bem escuro, mas as estrelas no céu e a lua estão bem nítidas. Está frio e ventando e por isso as ondas do mar estão fortes. Samara e a Pessoa estão sentados na areia olhando para o mar.

SAMARA

(gaguejando)

Não... Acho que é minha culpa. Eu dou muito espaço pras pessoas não se preocuparem, não se importarem. Mas sendo honesta, tudo que eu queria era dizer "pelo

amor de deus, cuida de mim". Eu sou humanamente incapaz de pedir ajuda, eu não consigo... Porra, sei lá, eu sei que você tá muito ocupado esquecendo que eu faço parte da sua vida pra poder lembrar de que talvez... Eu não sei, eu sei lá... É tão frustrante... E eu nem tô dizendo que você precisa, que você precisa, chegar ao seu limite pelo outro, por mim, como eu faço porque eu sou, porque eu sou... Sabe, eu faço essas coisas e eu não peço nada em troca e justamente, você não tá me dando nada então do que eu tô reclamando?... Eu só te amo e eu me preocupo e eu quero cuidar de você mas eu tô aqui né? E sendo honesta eu queria sim que eles me dessem algo, muitos algos, sendo honesta... Ah sei lá...

12. EXT. - PRAIA DO CAMPECHE - NOITE

Mar e noite se misturam. Samara olha para a pessoa enquanto apoia a cabeça em seus joelhos. A pessoa olha para ela, eles sorriem.

SAMARA

Eu tô aqui né?

CUT TO BLACK

Letreiro aparece sobre BLACK: III. MEDO E PAIXÃO

13. INT. - COLORBLOCK

Recortes de fotos digitais antigas e de fotos analógicas aparecem em fundos coloridos. Estes recortes de bocas, olhos, rostos e narizes se movem e algumas formas como pontos, linhas, formas e palavras e vão se moldando conforme a fala de Cida vai falando as palavras.

VÓ/CIDA

[Falar com ela sobre infância e sobre as vontades dela, coisas pequenas que ela gostava quando criança. Perguntar sobre uma história que ela gosta e suas reflexões sobre a vida e demais acontecimentos.]

14. INT. - CASA DO VIZINHO JOAQUIM - NOITE

Vita, 22, está sentada numa festa de carnaval dos anos 40-50. A festa é parecida com uma festa moderna, apesar disso. As luzes refletem em seu rosto pontos coloridos de luz. Ela olha para um lado e vê as pessoas rindo, se abraçando e de mãos dadas. Olha pro outro e vê algumas pessoas conversando. Outras cantando juntas. Olha a decoração balançando e refletindo a sombra das pessoas. Olha para as comidas sendo devoradas e as bebidas sendo

consumidas. Olha para os copos com batom de um lado se vira para o outro e observa as cortinas dançando conforme o vento sopra para dentro da porta. A imagem vai ficando quase embaçada. Vemos seu rosto de novo quase feliz apenas ouvindo o murmurinho de longe junto da música e uma sombra surge em seu rosto. Ela olha pra cima ainda sorrindo. Vemos um menino derrubando confete em seu rosto.

VITA (V.O.)

"Considerarei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa."

CUT TO BLACK

Letreiro aparece sobre BLACK: V. INSEPARABILIDADE

15. EXT. - DEBAIXO DE UMA ÁRVORE NA PRAIA - DIA

Os mesmos pés no chão do início continuam no mesmo lugar com a sombra das folhas da árvore sendo refletida no chão.

JES V.O.

"Você veste a máscara de seus ancestrais. Você se parece com uma mulher que você nunca conheceu. Nesse espelho, tem milhares de você. E no banho, quando você olha pra baixo, elas te olham de volta, tremendo e deformando-se nas ondulações que se encontram abaixo da superfície. É um pouco assustador pensar que um dia alguém parecida comigo vai existir e talvez ela odeie os traços que eu adoro e ame os que odeio. E eu me pergunto se a jabuticabeira da casa da minha avó vai estar lá, como um lembrete. É um bom começo, mãe?"

Os pés se movem e vão embora.

FIM.

4. Conclusões

O desenvolvimento deste curta, desta deriva artística, me permitiu articular teoria, prática e afeto em um processo que uniu literatura e suas linguagens, cinema e ancestralidade. A criação da animação confirmou que a escrevivência e a inseparabilidade, conceitos que nortearam esta pesquisa, não se manifestam apenas no texto, mas também nas imagens e nas escolhas estéticas que emergem do encontro entre memória e imaginação. Ao trabalhar com relatos familiares, fotografias, colagens e metáforas visuais, pude compreender de forma mais profunda como a animação produz sentidos poéticos capazes de revelar subjetividades negadas historicamente às mulheres negras.

Minha experiência também demonstrou o hibridismo entre ficção e documentário abre caminhos para narrativas mais complexas, ampliando a compreensão sobre identidade, trauma, afeto e pertencimento. Criar este curta significou retribuir, por meio da arte, às mulheres que formam minha linha materna, transformando suas histórias, silêncios e presenças em gesto estético e político. Assim, este trabalho reafirma a animação como campo fértil de experimentação e como dispositivo potente para reinscrever memórias, elaborar dores e imaginar futuros, inclusive, ao usar a literatura.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. "Inseparabilidade". In: Pintado com o pé. Lisboa: relógio D'água Editores, 2012, p. 125-193.
- ANNO, Hideaki. Neon genesis evangelion. Panini Video, 2005.
- BOB-WAKSBERG, Raphael. "Bojack Horseman". Tornante Television (2014).
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo.[Tradução de Noêmia de Sousa]. Lisboa: Ed. Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- CHIZIANE, Paulina. Niketche. Rio de Janeiro: Leya, 2022.
- DE ALMEIDA, Djaimilia Pereira. Luanda. Lisboa/Paraíso. Companhia das Letras, 2019.
- DE ALMEIDA, Djaimilia Pereira. Esse cabelo: a tragicomédia de um cabelo crespo que cruza fronteiras. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.
- EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia, p. 201-212, 2005.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. Revista Palmares, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas (R. Silveira, Trad.). Salvador, BA: EDUFBA.(Trabalho original publicado em 1952), 2008.
- FURNISS, Maureen. Art in Motion: Animation Aesthetics. London: John Libbey, 1998.
- GRIFFIN, Sean. Pronoun trouble: The queerness of animation. Queer cinema: The film reader, p. 105-18, 2004.
- MACHADO, Irene. Digitalização. Linguagem. Discurso. As Mediações Dialógicas Possíveis. Lumina. Juiz de Fora: Facom/UFJF, v. 4, n. 2, p. 19-48, 2001.
- MANGOLINI, Nadia. TORRE. Brasil: Meus Russos, 2017.
- MIYAZAKI, Hayao. "The wind rises". Studio Ghibli, 2020.
- MIYAZAKI, Hayao. "Spirited away." Studio Ghibli, 2017.
- MIYAZAKI, Hayao. "Porco Rosso" Studio Ghibli, 1992.
- MIYAZAKI, Hayao, Eiko Kadono, and Yuji Oniki. "Kiki's delivery service". Viz Media, 2006.
- MIYAZAKI, Hayao. "Whisper Of The Heart" Studio Ghibli, 1997.
- PANAG, Pavit. "UMBILICAL", 2022.